



CIÊNCIA & IMPÉRIO

ANO 4 Nº4 SEMINÁRIO CONJUNTO CIUHCT-ULisboa/UNL e ICS - ULisboa 2018

Rui M. Pereira
IHC/FCSH-NOVA (Portugal)

Guerra, Informação e Propaganda: A “conquista das almas” na Guerra Colonial 1961-1974

10 de Janeiro de 2018
12:30 – 13:30

Sala 8.2.11
FCUL

Resumo. Nos últimos anos tem-se intensificado a investigação e o debate sobre o investimento científico e do conhecimento nas diversas épocas da afirmação do império colonial português, desde a fase da expansão marítima à derradeira fase tardo-colonial.

Todavia, os últimos anos do colonialismo português, indissociavelmente marcados pela Guerra Colonial (1961-1974) não têm merecido a mesma atenção da comunidade académica.

É comumente aceite que a guerra alterou profundamente, até na substância, alguns dos princípios estruturantes da política colonial portuguesa (p.ex. com a abolição do estatuto do indigenato e a automática concessão de cidadania a todos os africanos), eludindo algumas das contradições mais marcantes na caracterização de situação colonial.

Numa primeira fase do Estado Novo, entre 1936 e 1955, a ocupação científica foi assumida como política oficial, institucionalizada mesmo na forma da Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais (após 1953, Junta de Investigações Ultramarinas, JIU).

Após 1955 e até ao despontar da luta armada nas colónias, numa inflexão dessa política científica colonial, deslocou-se esse investimento no conhecimento das colónias, até então centrado na Metrópole, para as próprias colónias, fundando-se em algumas delas (Angola e Moçambique) institutos de investigação científica e pondo-se termo às missões científicas, episódicas e de curta duração (durante as férias de verão) que académicos provindos das universidades de Lisboa, Coimbra e Porto dirigiam no terreno por pouco mais de um par de meses.

Concomitantemente, determinavam-se linhas de investigação nos centros de pesquisa da JIU, possibilitando a permanência dos investigadores em missões de longa duração nas colónias, ano após ano, de que o exemplo mais emblemático foi o da Missão de Estudos das Minorias Étnicas do Ultramar Português, dirigida por Jorge Dias.

Depois de 1961, o empenho no conhecimento das realidades sociais das colónias (para me cingir às ciências sociais) foi reorientado, em grande medida, para os objectivos estratégicos da posição portuguesa, numa empresa muito assinalável, congregando esse “conhecimento civil” no esforço da guerra conduzido pelos militares.

A face mais visível e institucionalizada desse conhecimento estratégico foi a criação, em Junho de 1961, dos Serviços de Centralização e Coordenação de Informações, em Moçambique e Angola, serviços que iriam ter um papel decisivo na “conquista das almas” através da sua articulação com os Serviços de Acção Psico-Social, estruturas civis que em 1963 passariam a ser enquadradas e dirigidas por militares.

ORGANIZAÇÃO

CIUHCT e ICS-ULisboa
GI Impérios, Colonialismo
e Sociedades Pós-coloniais

UID/SOC/50013/2013



ulisboa.pt



ciuhct.org



ics.ul.pt



Fundação para a Ciência e a Tecnologia
Instituto de Ciências Sociais

fct.pt